

RECONTAR A HISTÓRIA PELA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA



A Lei 10.639/03 - que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino básico - foi aprovada pelo primeiro governo Lula em 2003. A historiadora e educadora **Conceição de Oliveira** explica que a iniciativa responde a uma dívida histórica gigante: “É reconhecer politicamente que você tem que desenvolver políticas de combate ao racismo, que produz essa pobreza gigantesca e que mata”. A historiadora acrescenta: “É muito importante reconstruir para as crianças uma identidade negra positiva”.

O escritor e poeta **Éle Semog** contextualiza a importância da história dos negros para o Brasil: “Por gerações seguidas a comunidade negra se mantinha culturalmente, em larga escala, amparada pela história oral e muito precariamente, conseguia referências de sua participação e contribuição na história oficial brasileira”. E acrescenta: “Se o Brasil registra a sua História excluindo a presença e participação do negro, é importante que esta História seja reescrita, e isto já está sendo feito, por uma ação crítica dos historiadores contemporâneos, eliminando a lacuna de ausência negra, naturalizada pelos cânones acadêmicos. Como nos disse o fotógrafo Januário Garcia ‘existe uma história do negro sem o Brasil, mas não existe uma história do Brasil sem o negro’”.

A CORAGEM NOS UNE

O Brasil tem a maior população negra do mundo fora da África. Recontar a nossa história a partir da memória dos negros e das negras que vivem no país é um compromisso de quem quer uma educação pública de qualidade.

Em 2003 e em 2008, o povo brasileiro conquistou duas leis importantes que determinavam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio, as leis 10.639/03 e 11.645/08. Modificações feitas por meio da Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) completariam 20 anos em 2023. Os desafios são muitos e temos na educação a parceria adequada para continuarmos lutando contra o racismo.

Apesar do desmonte das políticas públicas de combate ao racismo pelo governo golpista de Michel Temer - e em seguida pelo desgoverno Jair Bolsonaro - a semente da resistência foi plantada. Conforme aumenta o conhecimento da nossa história e o nível de consciência do pertencimento racial, cresce também a coragem das pessoas em denunciar o racismo e em reivindicar direitos.

Seguiremos a luta de Zumbi e Dandara, defendendo sempre a construção de nossas histórias. Reafirmamos a memória de todos e todas, negros, negras e povos originários não negros (as), que construíram e seguem contribuindo para um Brasil mais democrático, solidário, e sem racismo!

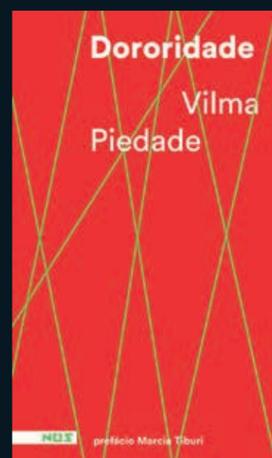


“É nas páginas de um livro que um indivíduo pode reconhecer a importância da leitura como aprendizado, reflexão e formação de consciência crítica”

Para a atriz, escritora e mestre em teatro pela Universidade de Brasília, **Cristiane Sobral**, a história do negro e a do Brasil estão interligadas. “A população negra é fundamental para entender a construção do país e seus traços estão assentados na cultura, na língua portuguesa, na alimentação. Brasileiros e brasileiras precisam de educação étnico racial pra reconhecer a ancestralidade negra presente nas famílias desse país que foi formado a partir do escravismo, do genocídio negro e da exploração de homens e mulheres que aqui chegaram em condições aviltantes e desumanizadas”.



Vilma Piedade



“Para explicar o que é ser uma Escritora Negra no Brasil é preciso voltar à História”

A Professora, Escritora e Pesquisadora, Vilma Piedade, lembra que Maria Firmina dos Reis, nossa primeira Romancista e Negra, autora do Romance Úrsula, século XIX, só veio a ser reconhecida no Brasil no final do século XX. Carolina Maria de Jesus, que foi traduzida em 42 idiomas, nasceu e morreu no lixo e é um ícone da Literatura Brasileira.

Vilma Piedade menciona como grande referência a Filósofa, Antropóloga e Historiadora Lélia Gonzalez, que: “Empreitece o Feminismo e cria o coletivo de Nzinga, em 1983, o primeiro Coletivo de Mulheres Negras no RJ”.

Em relação a ser uma autora negra atualmente, Vilma Piedade relata: “Ser Mulher Negra aqui nos faz conviver com o Racismo no cotidiano, mas nós transformamos Dor em Potência, como coloco no meu Livro Dororidade. É um Conceito que criei para dialogar com Sororidade, que também é um Conceito Feminista, porque para Nós, além de gênero, raça e classe, Nós temos a Dor provocada pelo Racismo”.

A autora finaliza: “Ainda precisamos resistir e avançar mais. Como disse a Escritora Conceição Evaristo, ‘as Feministas dizem que escrever é um ato político, para nós Mulheres Negras, publicar é um ato político, porque a gente publica muito tarde’”.

RECOMENDAÇÕES DE LEITURA

AMAR ANTES QUE AMANHEÇA (2021) | Editora Malê

Cristiane Sobral apresenta quinze contos que criam um painel sobre os diversos tipos de amor.

QUEREM NOS CALAR: Poemas para serem lidos em voz alta (2019) | Editora Planeta

Antologia reúne poesias de 15 mulheres slammers [batalhas de poesia falada] de todas as regiões do Brasil. Autoras: Anna Suav Bell Puã Bor Blue Cristal Rocha Dall Farra Danielle Almeida Laura Conceição Letícia Brito Luiza Romão Luz Ribeiro Mariana Felix Meimei Bastos Negafya Roberta Estrela D'Alva Ryane Leão.

DORORIDADE (2017) | Editora Nós

Vilma Piedade cria o conceito de Dororidade por um Feminismo Interseccional Inclusivo.

INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES (2016) | Editora Malê

Conceição Evaristo lançou o volume de contos, em que, mais uma vez, trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo.

DANÇA NEGRO, GINGA A HISTÓRIA (1998) | Coleção Griô da Mazza Edições

A autora Maria Zita Ferreira recebeu o Prêmio Buriti pelos trabalhos realizados na dança.